

Alphonsus Filho: Um novo diálogo pluritemporal entre simbolismo e modernismo

Em 1919 meu avô, Alphonsus de Guimaraens Filho, tinha apenas um ano de idade e, assim como não teve lembranças do pai, não teve nenhuma lembrança daquele encontro físico entre simbolismo e modernismo quando Mario de Andrade foi até os ermos sertões mineiros conhecer o poeta, admiração de sua juventude. Que teria sido de Alphonsus de Guimaraens se tivesse vivido mais alguns anos para ver a explosão modernista após a Semana de 22? Poderiam os modernistas salvar o poeta do esquecimento? Que outros diálogos teríamos entre as duas tendências? Teria Alphonsus encontrado a caravana modernista que “descobriu o Brasil” caminhando pelas cidades históricas mineiras em 1924? Seria o encontro do velho Alphonsus com Mário e Oswald, Blaise Cendrars, Tarsila do Amaral, Paulo Prado, mais um dos causos mineiros que me contaria meu avô?

Elucubrações a parte, morto o poeta, foram seus filhos, também escritores, João Alphonsus e Alphonsus de Guimaraens Filho, que tiveram contato com a caravana que espalhou o modernismo no Brasil. João Alphonsus, ativo participante da primeira geração modernista, ligado ao grupo da revista *Verde de Cataguases*, teve sua carreira abreviada pelo falecimento prematuro em 1944. Alphonsus de Guimaraens Filho, por sua vez, publicou seu primeiro livro de poemas em 1941.

É a partir da década de 1940 que Alphonsus Filho se torna um novo interlocutor entre simbolismo e modernismo no Brasil. Um encontro para além de seu tempo histórico, mas que nem por isso deixa de ser extremamente potente para a produção modernista e para a obra poética de meu avô. Alphonsus Filho manteve durante muitas décadas intensa correspondência com alguns dos principais nomes do modernismo brasileiro como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Dessas cartas, apenas a correspondência passiva com Bandeira e Mário estão publicadas, o resto é material inédito do arquivo pessoal de meu avô ou ainda escondido nas gavetas dos arquivos literários do País. Nessa conversa epistolar se

desenrolam alguns encontros não explorados entre simbolismo e modernismo para além da visita simbólica de Mario de Andrade a Mariana. Trocas e interseções que ainda não foram percebidas entre os dois movimentos.

Se o velho Alphonsus viveu e morreu, em sua tocante solidão, como definiria Drummond, Alphonsus Filho viveu e morreu na companhia dos seus. Além de construir diálogo próprio com seus pares, meu avô acabou inserindo o pai nas conversas sobre poesia com os expoentes da época moderna. Coisa que o velho Alphonsus nunca pôde fazer, exilado que vivia em Mariana, exilado que vivia o simbolismo num País de ideias fora do lugar, sob forte pressão de uma batuta estética, que impositivamente afastava da vida literária quem se opusesse a ela. Esse desejo de meu avô de não partilhar da solidão paterna, essa vontade de fazer seus versos e sua vida circularem pelo País, aparece em sua primeira carta a Drummond:

Carlos, tudo espero de você, sobretudo porque conhece bem a minha situação de filho do grande Alphonsus, poeta grande demais para deixar “bens na Terra...”. Depois de formado estou fazendo força para permanecer por aqui (Belo Horizonte) para não ser atirado, como meu pai, no interior, e lá ficar esquecido.¹⁵⁵

Outros modernistas vão aparecendo no diálogo que mistura pai e filho, simbolismo e modernismo e outros causos mineiros e brasileiros. Nas muitas cartas trocadas entre Alphonsus Filho e Drummond, os dois comentam o projeto de reedição da obra completa de Alphonsus pai. A primeira destas cartas, foi enviada por meu avô, tem data de 21/09/1941:

Agora um assunto importantíssimo: a edição das “Poesias” de meu pai. De acordo com a carta que me escreveu o Manuel, você e ele me ajudarão na revisão, sendo eu o editor literário. Pus mãos à obra, e deliberei, depois de muito meditar, incluir 24 poemas no texto. Em notas acrescentadas, em número de 30, não só comentei esses poemas como incluí outros e mesmo algumas curiosidades como poemas de circunstância, hinos religiosos, traduções feitas por Alphonsus. Não aproveitei, porém, os poemas de *Salmos da noite*, por considerar definitivo o julgamento do poeta, que positivamente os relegara para livro, não só como me disse várias vezes o João como chegou a escrever ao Múcio Leão quando da organização dos dois números de *Autores e livros* dedicados a Alphonsus. Você não acha que agi bem? Para que aumentar assim a obra do poeta, quando podemos manter o critério qualitativo? É essa, aliás, a opinião do Bandeira, como do Meyer. Fiz uma nota especial para o Simões dos Reis e nela incluí os dois sonetos que ele descobriu em velhos jornais paulistas. Se puder, irei este ano ao Rio, para que

¹⁵⁵ GUIMARAENS, Alphonsus de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 14 de dezembro de 1940. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801-1-2-3.

discutamos todos juntos o assunto. Até agora, a solução melhor me pareceu essa. Mas ainda outro dia o Aurélio Buarque de Holanda me pôs em dúvida quando me revelou sua opinião que se deve incluir tudo o que deixou Alphonsus, inclusive *Pauvre lyre* e mesmo páginas em prosa. Poder-se-ia argumentar, de fato com as edições de um Baudelaire (a da La Pléiade, que eu tenho, encerra até poemas atribuídos ao poeta), de um Verlaine, de tantos outros... Você compreende a minha posição: é das mais difíceis. Sendo também poeta, minha responsabilidade cresce. E o que eu desejo é apenas a glória do velho Alphonsus. Diga-me o que pensa a respeito.

A “afinidade espiritual” a que você se refere em sua carta foi outro motivo de alegria. Muito grato por tudo.

O melhor abraço

Alphonsus Filho¹⁵⁶

Nesta carta aparecem Manuel Bandeira e Augusto Meyer, além de Aurélio Buarque de Holanda, como interlocutores de Alphonsus Filho que traz o pai para o convívio de seus contemporâneos modernistas. Uma conversa sobre o resgate do poeta graças à reunião de sua obra promovida pelo filho. Diálogo que o velho Alphonsus tanta falta sentiu durante sua vida afastada e sem comunicação com os grandes centros. A preocupação de meu avô com a “glória” do pai mostra bem essa vontade de colocá-lo no lugar devido, entre os seus. Mais tarde, quando escreveu a biografia do pai, Alphonsus Filho transformou esse diálogo em um recurso estilístico e mostra ao pai seu reconhecimento pelas gerações vindouras: a reação por ele iniciada contra a incultura e o atraso dos principais poetas foi rigorosamente continuada, como disse em crônica de jornal Oswald de Andrade.

“Fosse um negro norte-americano Cruz e Sousa teria inventado o *blues*”¹⁵⁷ disse Leminski. Se o *blues* fica para Cruz e Sousa, na sua musicalidade e na tristeza do azul que remonta o *L’Azur* de Mallarmé, Augusto dos Anjos poderia ter sido um dos mestres do *heavy metal* com sua visão de um mundo doente e mutilado, sangrando e regurgitando a experiência orgânica do corpo. Dor, putrefação e espantos do metal. O morcego, consciência humana entrando à noite no quarto, os morcegos comidos por Ozzy Osbourne. Sobra para Alphonsus, então, a *soul music*, que como o próprio nome diz é música que vem da alma, com seus cantos que cintilam alto, como os sinos que choram em lúgubres resposos, e que desaguariam na religiosidade dos cânticos da magia do divino do *Gospel* (*God Spell*) do *Harlem*. Musicalidade simbolista, em todas as suas variantes,

¹⁵⁶ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 21 de setembro de 1941. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801-6.

¹⁵⁷ LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasilense, 2003, p.11.

transposta no tempo, que persiste no modernismo brasileiro nas obras de Jorge de Lima e Murilo Mendes, por exemplo. Deste segundo, temos algumas amostras muito claras da ligação com o simbolismo e com o tom *soul/gospel* de Alphonsus.

Em carta de 14 de junho de 1950 o mais importante não era o mundial de futebol que se anunciava próximo e que teria Belo Horizonte como uma das sedes. Os segredos que guardava Minas eram as contemplações de Murilo Mendes pelas cidades históricas e seus personagens.

Em Ouro Preto me deu a louca, e não pude parar de escrever mais nada a não ser poesia, e em torno de Ouro Preto. Comecei a trabalhar no poema Contemplação de Alphonsus, que faz parte do livro. Poema longo, difícil, que me absorveu completamente durante semanas e semanas. Poema que tende ao decassílabo. Impregnei-me do poema, reli de novo a obra do grande Poeta, e vim para o Rio [...] com o poema no sangue e no espírito. [...] Há dias apus a esse texto a grande palavra “fim”. Cortei muitos versos, podei muito, e cheguei a um texto de 430 versos! Creio ser a coisa mais importante que escrevi até hoje.¹⁵⁸

Além da radical informação deste final de carta – “Creio ser a coisa mais importante que escrevi até hoje.” – podemos ver no poema o que fica de Alphonsus em Murilo dito pelo próprio poeta. O cometa Halley contemplado na infância “A subversão da vista. A primeira ideia do cosmo”.¹⁵⁹ A intuição poética, desencadeada na infância, pela visão do cometa Halley renova-se e ganha força, quando encontra o catalisador na obra do simbolista.

.....
 Desde cedo meu espírito impelido
 Pela força da morte, que alterando
 Minhas próprias origens e meu rumo,
 À borda do vazio me inclinara,
 Desde cedo meu espírito gemendo
 Achou adequação exata nos teus livros
 Que nos lentos serões assimilei.
 O que o clarão do Halley começara
 Anos antes, teus livros perfizeram:
 As galerias da poesia perfurei
 E tua alma encontrei nos corredores,
 Tua alma de presságios contemplada
 Sofrendo na medonha carruagem.¹⁶⁰

A alma de Murilo está conectada com a poesia de Alphonsus, poesia

¹⁵⁸ MENDES, Murilo. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 14 de junho de 1950. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

¹⁵⁹ MENDES, Murilo. *Poesia Completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 2000, p.897.

¹⁶⁰ Ibid., p.492.

assimilada, com nova visão do cosmo, reapropriada depois da alucinação que foi a passagem do cometa Halley. A cosmogonia de Murilo Mendes é simbolista? Daí vem a potência de sua poesia católica e espiritualizada? Mais à frente no poema, Murilo evoca Alphonsus parafraseando os versos de Cathedral:

.....

O sino que nos ares vai subindo
E logo gira em súbitos resposos:
“Acorda Alphonsus! Oh, depressa! Acorda Alphonsus!”
Acorda Alphonsus, que o lugar já vem!
Acorda Alphonsus para os seus amigos,
Acorda-o para a palma que afastou,
Para Mariana universal dos entes
Que, lentos à poesia, do esplendor
Velado e nebuloso do seu facho
Têm de aprender, num mundo de tambores
E exagerada reverberações.

161

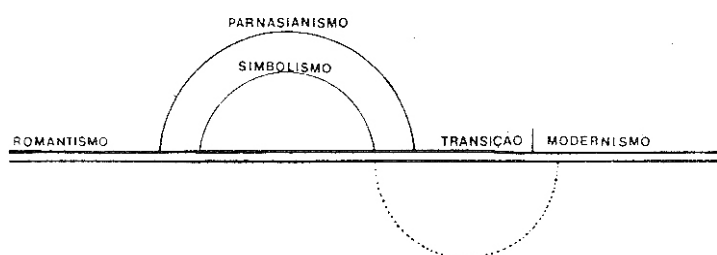
.....

Neste trecho Murilo evoca Alphonsus, clama para o poeta acordar e voltar, encontrar finalmente um “lugar” entre os seus, em vez da vida que levou isolado em Mariana entre os “lentos à poesia”. Este chamado é mais um abalo na visão do modernismo como fundador de um marco zero da literatura, eternamente rompendo com o passado. A relação é sim de subversão da perspectiva romântica, como podemos ver em várias paródias da Canção do exílio de Gonçalves Dias, feitas por Oswald, Drummond e pelo próprio Murilo. É de profunda ruptura, ideológica e formal, com o parnasianismo. Enquanto com o simbolismo a relação é de evocação, fusão e amálgama. Seja na Contemplação de Alphonsus de Murilo, nos textos de Mário e Oswald sobre Alphonsus e Cruz e Sousa, no longo A visita, no qual Drummond evoca a visita de Mário ao simbolista de Mariana.

Se o modernismo foi sempre visto como um movimento de revitalização das matrizes caracterizadoras de um nacional, pela ruptura com o passado cristalizado e inerte, encontramos na sua relação com o simbolismo um ponto de contato produtivo, em muitos aspectos, para além do radicalismo do corte epistemológico das vanguardas. A relação entre os dois movimentos é mais estreita do que parece num primeiro olhar. A briga com o Parnaso e a transformação explosiva de estilo, forma, temática, ideologia e comportamento, iniciada com a Semana de 22, ficou em primeiro plano, deixando mais uma vez para o *underground* as potências criativas do simbolismo.

¹⁶¹ Ibid., p.499.

Andrade Muricy em seu *Panorama do movimento simbolista brasileiro* reconstrói a linha do tempo da literatura brasileira destacando a relação entre o símbolo e o moderno no País. Muricy desenha uma linha corrigindo a imagem que se tem do simbolismo como movimento nucleado dentro do parnasianismo. Nesta linha o arco menor do simbolismo está dentro do arco maior do parnasianismo, no entanto é do arco menor que segue uma linha pontilhada que desemboca no modernismo brasileiro. No gráfico usado por Muricy o simbolismo fica visualmente representado no *underground* e, ainda mais abaixo, sua intrincada porém escondida, relação com o modernismo.



6.1

Cartas de Manuel Bandeira e Mário de Andrade a Alphonsus Filho

A constante menção ao simbolismo está presente também nas cartas de Manuel Bandeira a meu avô. Na primeira carta, datada de 02 de junho de 1940, Bandeira agradece a Alphonsus Filho o envio de seu livro *Lume de estrelas* e comenta a herança paterna.

Caro poeta Alphonsus de Guimaraens Filho

Venho agradecer-lhe a oferta do seu livro *Lume de Estrelas* e a dedicatória da parte III.

Você entrou na poesia com uma responsabilidade tremenda – o nome de seu pai! Mas está se saindo galhardamente. Este *Lume de estrelas* atesta um grande poeta, não reflexo da poesia paterna, mas brilho de estrela com luz própria. Posso dizer-lhe que os elogios de Tristão de Ataíde e do Mário de Andrade traduzem o sentimento geral: você está classificado pela melhor gente no scratch. Receba um grande abraço e os parabéns do seu amigo e admirador.

Manuel Bandeira¹⁶²

¹⁶² BANDEIRA, Manuel. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, Apud, GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1974. p.75

A aproximação literária com o pai acompanhou a vida de meu avô e, mesmo sendo *Lume de estrelas* um livro de marcada influência simbolista, saía-se galhardamente Alphonsus Filho na busca de um tom próprio. Esta relação com o nome homônimo entre pai e filho aparecerá em outras cartas chegando até Afonso Henriques Neto. Em março de 1943 Bandeira envia a meu avô um poema onomástico em louvor ao velho Alphonsus:

Refrão de glória, eis vem, no trilho
Do pai – dois mestres em refrães –,
Trás Alphonsus de Guimaraens
Alphonsus de Guimaraens Filho¹⁶³

E, já em julho de 1944, comentando o nascimento de meu tio Afonso Henriques Neto Bandeira escreve:

De Alphonsus pai a Alphonsus Filho,
Grandes poetas do meu afeto,
Herde, com a mesma força e brilho,
O místico Dom Alphonsus Neto¹⁶⁴

Assim como Drummond, Bandeira também recolheu poemas e versos do Alphonsus simbolista e os remeteu a meu avô mostrando que seu olhar modernista estava atento às pulsações simbolistas:

Outro dia, fazendo pesquisas na *Gazeta de Notícias* de 1893 para um estudo que tenho que escrever sobre o Eça tive o prazer de encontrar um soneto de seu pai assinado Alphonsus Guymar. Creio que ainda não tinha sido recolhido. Mando-lhe cópia. Diga-me se o conhecia já.¹⁶⁵

Em nota no livro *Itinerários*, onde estão publicadas as estas cartas, meu avô comenta que o soneto ao qual Bandeira se refere foi de suma importância para verificar que até 1893 ainda não adotara o seu pseudônimo literário definitivo.

Mais diálogos entre simbolismo e modernismo cartas a fora. Em maio de 1947 Bandeira assume as influências simbolistas ao comentar o poema *Vertigem*

¹⁶³ Ibid., p.87

¹⁶⁴ Ibid., p.92

¹⁶⁵ BANDEIRA, Manuel. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, Apud, GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários* cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho. São Paulo: Livraria duas cidades, 1974.p.93.

de meu avô, que se encontra em *A cidade do sul*.

Nestes dois poemas a influência do Mário não anula o fundo simbolista irredutível, que é em você, como em mim, marca de fábrica (o Mário despojou-se inteiramente dele e pôde fazê-lo porque era elemento adquirido).¹⁶⁶

Muito interessante esta observação de Bandeira. Para ele a marca simbolista em sua poesia e na de Alphonsus Filho é marca de fábrica, mas em Mário elemento adquirido do qual o poeta se despoja. Vinda de fábrica, adquirida ou futuramente descartada, a influência simbolista em dois grandes escritores modernistas está mais do que evidente para Bandeira. Do *underground* para antropofágicas fronteiras, o símbolo emerge no moderno. E Bandeira comenta o soneto e a importância da forma fixa na poesia:

Gosto de conversar sobre esses problemas de técnica com poetas 100% como você, Vinícius, Mário, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade. Chamo poeta 100% o que é artista também, isto é, artesão também, – o poeta que sabe nadar em todas as águas: no oceano em completo perpétuo movimento do verso-livre e... nos blocos congelados da forma fixa. Os poetas que não têm os versos medidos nas ouças, mesmo quando da força extraordinária de um Schmidt ou de um Murilo, me causam um certo mal-estar nas minhas ideias sobre poesia. Como de resto o poeta-medidor que se perde no verso-livre que nem João e Maria sem milho pra marcar o caminho da floresta.¹⁶⁷

Não é exatamente o simbolismo o movimento que começa a dançar entre as formas fixas e o verso livre? Eram os simbolistas estes poetas 100% dos quais fala Manuel? Na mesma carta Bandeira fala de sua antologia dos poetas simbolistas:

P.S. – Importantíssimo – Aponte na obra de seu pai dez poesias que não sejam sonetos e que lhe pareçam os melhores (as mais belas, não as mais características). Peça ao João que faça o mesmo, mas sem se consultarem. É para a minha antologia dos simbolistas.¹⁶⁸

Lembro-me bem de como meu avô contava o desempenho dessa tarefa: transmitira o recado a seu irmão João Alphonsus e, dos dez poemas escolhidos por

¹⁶⁶ Ibid., p.102.

¹⁶⁷ Ibid., p.81.

¹⁶⁸ BANDEIRA, Manuel. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, Apud, GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Itinerários cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1974. p.82.

cada um sem consulta prévia o único que entrava nas duas seleções era Noiva.

Em carta de Abril de 1942 Manuel Bandeira parabeniza Alphonsus Filho pelo prêmio da Academia Brasileira de Letras concedido a seu livro *Lume de estrelas*. “P.S. Um grande abraço pelos dois contos do prêmio da Academia. Depois escreverei mais sobre o caso. Mando-lhe meu *ex libris*.”¹⁶⁹

São mesmo irônicas, muitas vezes, as linhas do destino. *Lume de estrelas* é o primeiro livro de meu avô, um livro, como já foi dito, de influências simbolistas que seguem a trilha mística talhada também por Murilo Mendes dentro do modernismo. Um livro onde impera o verso livre, e versos longos de fôlego alto, com um fervor católico e místico impressionante. Um livro que mescla os nutrientes de dois movimentos para começar a criar um embrião do que seria a verdadeira voz reconhecível da poesia de meu avô. Com tanta liberdade e tantas misturas sensoriais num livro só nada mais irônico do que o nome Olavo Bilac para o prêmio da Academia. Se Bilac colocara de lado as irradiações simbolistas durante sua época, agora não podia fazer mais nada. Não lamentemos os mortos.

Nas cartas de Mário de Andrade os comentários sobre a poesia de meu avô são mais numerosos do que as referências sobre a relação modernismo e simbolismo. Há uma intensa conversa sobre poesia e literatura, uma conversa que vai se tornando mais íntima e profunda com o passar dos anos. Podemos ver isso nas formas de tratamento que vão de “Prezado senhor” a “Meu velho Mário” nas cartas de meu avô. Esta conversa mereceria um estudo especial, mas me atenho aqui a algumas cartas entre os dois poetas, começando pelo primeiro encontro epistolar de Alphonsus Filho com o mestre, no qual. Em carta de 03 de julho de 1940 meu avô responde às críticas feitas por Mário de Andrade a seu livro de estréia *Lume de estrelas*.

Antes de mais nada, quero manifestar o meu reconhecimento pelo carinho verdadeiramente amigo que teve para com “Lume de Estrelas”. Naturalmente, muito me comoveu que o sr. reconhecesse nesses versos de um adolescente “uma segura vontade artística”.

Acredito que a sua crítica ao meu livro, para ser bem compreendida, deve ser lida junto com A volta do condor, excelente ensaio em que o sr. descobre, com a mais aguda das inteligências, um mesmo estado de sensibilidade nos poetas atuais do Brasil, acusando uma possível “escola” que nada mais é que a volta do condoreirismo. E diz o sr. que é um “condoreiro engano” esse pensar que, fazendo-se grande poesia, fica-se grande poeta. Não nego que o *Lume de estrelas*

¹⁶⁹ Ibid., p.83.

tenha todos os defeitos de um movimento como esse. Há nele certamente muita repetição de imagens e símbolos e mesmo uma certa monotonia. O que justifico com o fato de julgar o meu livro como um só poema. O que também reconheceu o poeta uruguaio Gaston Figueira numa carta que acaba de me escrever.

Para concluir, confesso que, aceitando em grande parte a sua crítica, tenho as minhas dúvidas quanto a certas passagens. E se confesso é porque quero ser tão sincero como o sr. o foi no seu ensaio. E também porque julgo que o artista tem de reconhecer os seus erros, apontados pelos críticos, mas lhe é impossível, no fundo, perder a sua personalidade... O sr. fez restrições ao emprego, nas minhas imagens, do trigo, dos pinheiros, dos pastores e dos peregrinos. E imaginou, para mostrar a falsidade dessas imagens, Rilke ou Stefan George falando em “canaviais, cafezais e bananais.” Ouso fazer uma pergunta: não haveria nessa comparação uma certa inexatidão? Não seria – arrisco mesmo – muito menos universal o fato de Rilke ou Stefan George utilizarem na sua poética dos canaviais, cafezais ou bananais, que um poeta brasileiro do trigo, dos pinheiros, dos pastores e dos peregrinos? Escolho, por exemplo, no que se refere a meu caso, a palavra “pastor”. Julgo mesmo o cúmulo trazer os pastores à poesia, com um indisfarçável aspecto árcade... Mas quero lembrar ao sr. que há apenas uma imagem no *Lume* em que entra a palavra “pastor”: “Sigo como quem vai alcançar as estrelas,/ Como um doce pastor das ovelhas do luar.”

Não lhe parece justificabilíssima a imagem e, mesmo, pouco terrena?

Após essas observações, sem grande importância, afirmo-lhe novamente, mestre Mário, o meu entusiasmo pela sua crítica.¹⁷⁰

Na difícil tarefa de responder à crítica de um Mário de Andrade em 1940 sai-se meu avô muito bem, com coragem para dialogar com o “mestre”, concordar com alguns pontos e discordar de outros. Parece-me muito interessante esta conversa sobre a universalidade na poesia. Quando Mário reclama dos pastores e trigais, na poesia de meu avô, evoca um modernismo que priorizava, e queria descobrir o Brasil e seu caráter (ou seu múltiplo caráter) nacional. Quando meu avô responde buscando a universalidade e mostrando que o uso da palavra pastor em seu poema nada tem de árcade ou europeu, mas sim de transcendente; liga-se ele ao simbolismo do velho Alphonsus e a linha místico-moderna seguida por Murilo Mendes e Jorge de Lima. Uma outra potência modernista com base no simbolismo.

Mário de Andrade, assim como Manuel Bandeira elogiaram o segundo livro de meu avô, o *Sonetos da ausência*. Bandeira, a pedido de meu avô, escreveria não um prefácio, mas um belo soneto que abre o livro. Transcrevo o agradecimento:

¹⁷⁰ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Mário de Andrade, em 3 de julho de 1940. Arquivo Mario de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CP, nº3583.

Meu caro Mário

Fui ao Rio passar alguns dias e levar Hymirene e o Afonso Henriques para o convívio dos parentes. Levei sua carta para responder lá, mas... jacaré respondeu? como você pergunta com tanta graça no “Macunaíma”. Nem eu. Não por falta de vontade. Foi até por excesso. Aconteceu uma coisa inesperada. Ao descer no Rio (pela primeira vez tive coragem de topar um avião) revistaram minha mala e sua carta foi apreendida. Contra todos os meus argumentos. Consequência: só três dias depois é que me devolveram, na posta restante. O envelope todo carimbado: aberta pela censura. Durante vários dias pensei em respondê-la. Mas eu estava descansando, seu Mário, e não escrevi patavinas! Passei, isto sim. Estive muito com o Manuel, que me pareceu muito bem disposto. Com todos os cidadãos que você imaginar. E como o Rio não permite que se faça muita coisa ao mesmo tempo, tive de me limitar aos encontros e bate-papos.

Mas desde lá estava para lhe agradecer as palavras sobre os *Sonetos da ausência*. Gostei de ver que você gostou do livro, com poucas reservas. Os dois “fans” que eu consegui para os sonetos (você e o Manuel) já me parecem justificar plenamente a necessidade de publicar o livro. Seu conselho de publicação encontrou ressonância.¹⁷¹

É possível para Mário de Andrade e Bandeira e para Drummond relacionarem-se com o soneto via tradição simbolista. É no caminho das variações rítmicas e de rima por eles construídas que meu avô cria seu *Sonetos da ausência*.

Em outros momentos da correspondência aflora a questão da musicalidade da poesia, que acaba voltando às ideias gestadas dentro do movimento simbolista. Ideias ligadas tanto quanto à melodia das assonâncias e à explosão das sonoridades consonantais, quanto à palavra e seus sentidos para além de sua função de dicionário. O sentido da palavra é também seu som, aquilo que incita, aquilo que cria no leitor como catalisador de um impulso para outras esferas da percepção. Dimensões que unem sinestesticamente a palavra também a uma cor, uma forma, um aroma. Isto fica claro pra mim na longa carta de Mário:

Eu, por mim, você não imagina o que é a palavra pra mim, o que é a sílaba. O que é o próprio som vocálico ou consonantal. É um mundo. Um mundo absurdamente milionário de sugestões, de associações, de segredos e mistérios, em que o sentido dicionarizado da coisa é muitas vezes o que interessa menos. Não sei se é também porque desde rapaz de 16 anos me acostumei a lidar com muitas artes, eu sei que a palavra (e eu sou essencialmente escritor) se difunde num mundo profuso e confuso de som musical, de cores e de formas escultóricas. Eu sei que pro Sr. Toda a Gente é pura especiosidade sem significado eu garantir que no “oou” do meu vento tem sons graves de violoncelo, de fagote, de trompa em surdina e é cinzento. Que os dois ós insistem na cor do branco que o u escuro mancha de cinza. O Sr. Toda a Gente tem razãozíssima. Mas eu também tenho razão!¹⁷²

¹⁷¹ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Mário de Andrade, em 30 de novembro de 1944. Arquivo Mario de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pasta MA-C-CP, nº3599.

¹⁷² ANDRADE, Mário. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho. Apud *Itinerários cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Livraria duas cidades. 1974. p.64.

Atmosferas pouco definidas, paisagens impressionistas revestidas de sugestão e mistério. Vogais que caminham por cores, palavras que ventam, cores que assumem sons de violoncelos e fagotes. Branco manchado de cinza. Policromia em preto e branco na sutileza dos tons de uma aquarela sinestésica simbolista.

6.2

Cartas de Carlos Drummond de Andrade a Alphonsus Filho

De toda a correspondência de meu avô a mais longeva é com Carlos Drummond de Andrade. A troca de cartas percorreu quatro décadas, conectando Minas Gerais, Rio de Janeiro e uma nascente Brasília. Todas essas cartas são inéditas e pela primeira vez se encontram presentes num estudo acadêmico. Na intensa conversa sobre poesia o tema mais insistente é o simbolismo na obra do velho Alphonsus. É impressionante a atenção e o trabalho de Drummond na busca por poemas e textos do solitário de Mariana. A grande amizade de meu avô com Drummond e a admiração deste pela poesia de meu avô também estão presentes nestas cartas, mas a todo o momento Drummond volta-se para o simbolismo e para a busca pelo Alphonsus pai. Seja essa volta uma pesquisa histórica, bibliográfica, seja ela a demonstração da influência da forma fixa num poeta que começou como grande verzejador livre e tornou-se grande cultor do soneto, mesmo quando o torcia bem ao gosto de um ritmo dançante simbolista.

A primeira carta enviada por Drummond é datada de 23 de setembro de 1941, mas é em junho de 1948 que aparece a primeira menção ao simbolismo, ao se referir à obra do velho Alphonsus. Drummond parabeniza meu avô pelo nascimento de meu pai, Luiz Alphonsus de Guimaraens, e comenta: “Continuo pensando no bom que seria uma reedição das obras completas de seu pai. Com todas as poesias que ele deixou. Tem cuidado disso?”.¹⁷³ Veremos até a última carta, em 1987, a intensa colaboração de Drummond no resgate da obra do simbolista mineiro. Uma evidência de que o Alphonsus simbolista era uma de

¹⁷³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens, em 03 de junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

suas influências voluntárias e decisivas. Ainda em junho do mesmo ano, Drummond dá notícias e mostra como está ajudando na publicação da obra completa do velho Alphonsus.

Não procurei o José Olympio para tratar da reedição das poesias de seu pai, porque, em conversa com ele, ultimamente, tenho notado um grande pessimismo sobre o estado do negócio de edições. Acredito que ele se interessasse pelo assunto, mas não sei se poderia dar-me resposta satisfatória, e sobretudo resposta rápida. Ocorreu-me outra solução: o Instituto Nacional do Livro, que tem por obrigação publicar obras dessa natureza, e ainda em 1945 nos deu as poesias de Cruz e Sousa. Falei, pois, ao Augusto Meyer, e este manifestou entusiasmo pela ideia.¹⁷⁴

Meu avô responde informando detalhadamente a Drummond o que estava fazendo para tentar organizar e publicar as poesias do pai. A riqueza de detalhes mostra como Alphonsus Filho foi um editor perfeccionista:

Carlos,

Eu e Hymirene agradecemos muito os votos ao Luiz Alphonsus. Quanto à reedição das poesias de papai, vou informá-lo do que existe até o momento. Em 1945, quando estive no Rio, conversei com o dr. Alceu sobre a possibilidade de uma edição pela Agir. Combinamos tudo. Logo que voltei pus mão à obra. Providenciei para que se datilografassem as *Poesias* (edição do Ministério), acrescentando-lhe alguns poemas: três ou quatro canções à Pastoral e um soneto à Escada de Jacó. Isso por se tratar de versos que estariam bem nesses livros e que só foram encontrados, por mim ou pelo João, depois de 1938. Anexeí uma parte Outras Poesias, em que enfeixei os versos da mais extrema mocidade de Alphonsus – como os de Salmos da Noite – e outros que ficaram inéditos porque o poeta não os julgou definitivos. Mas poemas que – uns e outros – auxiliam grandemente para que se fixem os diversos estágios da evolução de sua poesia, desde os primeiros, que lembram os de Kyrilale, aos últimos, aparentados com os da Pastoral, Escada de Jacó e Pulvis. Anotei-os o mais possível, com elementos que pude reunir. Contudo, a Agir entrou em fase de dificuldades e, embora o dr. Alceu me recomendasse a remessa dos originais, preferi não fazê-lo. E vi que estava com a razão. O próprio dr. Alceu me advertia que o livro não seria editado logo, mas que ao menos se faria uma revisão nos originais antes de encaminhá-los às oficinas. Não tardou muito e a Agir devolveu os livros para cuja publicação fizera contratos com os autores, confessando não poder cumpri-los no prazo estabelecido. (Foi o que sucedeu comigo e outros, aqui em Belo Horizonte). Não se falou mais em reedição.¹⁷⁵

Mesmo com todos esses percalços o esforço de Drummond para ajudar

¹⁷⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, 11 junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

¹⁷⁵ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Mário de Andrade, em 07 de junho de 1948. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

meu avô a ver publicadas as poesias de Alphonsus continuou em 1949.

Ouvi dizer que o Ministério da Educação, afinal, vai reeditar Alphonsus. Eu já estava sem esperança de ver a modorra burocrática mexer-se. Mas nunca é tarde para se fazer uma coisa boa, e volto pois a esperar a edição, que deve ser cuidada e completa. Como já disse a v., possuo cópia de várias poesias de Alphonsus, publicadas em jornais de S. Paulo, e que não figuram na edição do Ministério. Acho que seria conveniente incluí-las, com outras nas mesmas condições, no volume em preparo.¹⁷⁶

Essa carta mostra, mais uma vez, como os modernistas estavam ligados à poesia simbolista e como é importante o papel de meu avô nesta ponte entre os dois movimentos. Mais uma vez é Alphonsus Filho quem coloca o pai em diálogo direto com alguns dos expoentes do modernismo brasileiro, resignificando assim as potências de sua obra. A título de curiosidade, sobre a publicação da obra completa do poeta simbolista, vale dizer que prevaleceu a opinião de Aurélio Buarque de Holanda, que era também a de Carlos Drummond, quanto à inclusão de *Salmos da noite* e *Pauvre Lyre*. Os dois livros foram incluídos em todas as edições que saíram, em 1955, em 1960 e em 2001.

Meu avô dividiu a vida entre a família, o trabalho (seja como assessor de Juscelino Kubitschek ou como procurador do Tribunal de Contas da União), a produção de sua própria obra poética e a revalorização da obra do pai. Pelas cartas trocadas com Drummond é possível ver como, ao longo das décadas, foi intenso seu trabalho para organizar a dispersa obra do velho Alphonsus. Esse não era um trabalho fácil para um filho que, também poeta, via sua responsabilidade aumentada. Em carta a Drummond de 21 de setembro de 1941, Alphonsus filho expõe suas ponderações e pede a opinião segura do amigo sobre assunto tão delicado. Vale lembrar que em 1941 meu avô acabara de publicar o primeiro livro e tinha recém-completado vinte e dois anos. Com a morte de João Alphonsus em 1944 a responsabilidade de Alphonsus Filho aumentaria ainda mais. Mesmo assim, persistiu o poeta neste trabalho de resgate da obra paterna.

A inestimável ajuda de Drummond neste resgate da obra do simbolista continua. Em carta de 1º de março de 1950 o poeta comenta a poesia de meu avô e

¹⁷⁶ ANDRADE; Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 12 de fevereiro de 1949. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho. (Esta edição do Ministério a qual se refere Drummond é a edição de 1938 organizada por João Alphonsus e Manuel Bandeira).

a demora burocrática para a publicação da obra do poeta simbolista.

Alphonsus

Estou demorando a acusar recebimento de seu livro, mas não demorei a afundar na poesia dele. Sua atmosfera é das que nos impregnam mais rapidamente. O tom sempre alto, o sentimento do mistério profundo da existência, a inclinação para o conhecimento místico fazem com que seus poemas sejam quase sempre fugas admiráveis da realidade imediata. Quando você identifica, na sombra de uma capela

Esta paz quase eterna...
ou quando descobre em si mesmo
... a saudade de um sol que não aquece

sentimos que transformou o seu momento cotidiano em algo de duradouro e indiferente ao tempo. Sua poesia é nostalgia e aspiração de lugares celestiais. A vida fica sendo um trânsito, e este trânsito, você povoa de imagens antigas e futuras. Daí a força sugestiva de seus versos. Muitos deles me ficarão guardados na lembrança, como visões de um mundo que raramente pressentimos.

Agradeço-lhe muito a oferta de um exemplar de *O irmão*. E as poesias completas de seu pai? Fiz há tempos um projeto de projeto e de justificação de projeto, para um deputado apresentar... Depois, não soube nada. Meu Deus, como é longo! Enfim, nossos netos saberão.

Um abraço amigo do seu

Carlos¹⁷⁷

Sim, Drummond estava certo, os netos saberiam, como eu sei agora, de todas as dificuldades e de todo esforço de meu avô e de Carlos para a publicação. Em carta, ainda de 1950, meu avô comentaria mais uma vez as dificuldades para a publicação.

Carlos:

Voltando de Guarapari, Espírito Santo, encontrei a sua carta. Poucos dias depois tive a alegria de ler a sua nota crítica no *Minas*. Você sabe bem o alto conceito que faço (que fazemos todos) de sua opinião, sempre tão equilibrada, sincera e justa. Não será preciso, pois, repetir que a sua nota, antes, o seu artigo, me deixou perturbado e até – porque não dizer? – envaidecido. [...].

Vejo que também nada sabe sobre a reedição das poesias de meu pai. E é melancólico. Tudo quanto sei é que fiz a entrega dos originais. Depois disso li em Letras e Artes uma nota indicando a próxima consolidação de todas as providências, com a apresentação de um projeto na Câmara etc. Creio contudo (foi o que deduzi da nossa conversa com o Meyer) que a reedição não depende desse projeto e sim de verba já fixada para este ano.¹⁷⁸

¹⁷⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 1º de março de 1950. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

¹⁷⁸ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 30 de março de 1950. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801.

Finalmente, em outubro de 1954 aparecem melhores notícias: “As *Poesias* de Alphonsus devem sair até dezembro. Pelo menos assim prometeu o Simões. Na expectativa de uma palavra sua que possa ajudar, abraça-o afetuosamente o amigo de sempre.”¹⁷⁹ Assim, pouco antes de o livro sair, Drummond volta a comentar sua publicação dizendo que será o livro do ano.

Estou à espera de *Poesias*, convicto de que elas serão o grande livro do ano. E como têm saído coisas ruins ultimamente, v. já reparou? Os rapazes perderam toda a noção do que seja verso, e a burrice se edita a si mesma em espantosa felicidade. A gente, então, se refugia nos poetas antigos, e é um conforto para a alma estimá-los cada dia mais.

O melhor e mais afetuosamente abraço

Carlos.¹⁸⁰

As poesias completas de Alphonsus de Guimaraens foram publicadas em 1955 pelo Instituto Nacional do Livro, como a 2ª edição ampliada daquela de 1938 feita por João Alphonsus e Bandeira. Nos dois casos figuras emblemáticas do modernismo estavam presentes na busca pela revalorização da obra e da memória do poeta simbolista.

Podemos ver pelo diálogo de meu avô com Drummond que os modernistas não haviam abolido a forma fixa. Não haviam desistido de suas construções e criações formais. Haviam apenas seguido o processo de torcê-las e amassá-las, mas mantendo ainda assim a noção de que ela é parte importante do fazer poético. Não existe uma separação que coloca em um plano o verso livre e a inventividade e no outro a forma fixa e o conservadorismo. A obra de Drummond mostra claramente como o poeta fez a passagem de um exemplar explorador do verso livre para um não menos exemplar cultor das formas fixas. No entanto, esta forma fixa drummondiana não remete à dureza do parnasianismo, e sim aos mais dançantes versos fixos do simbolismo. Bandeira já havia chamado de poetas 100% aqueles que não se perdem no verso livre e constroem o verso metrificado com potência, por opção, e não para esconder-se atrás de 10 ou 12 bem talhadas sílabas.

Depois da análise desta linha que sai do simbolismo para desembocar no

¹⁷⁹ GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. Carta a Carlos Drummond de Andrade, em 14 de outubro de 1954. AMLB – Casa de Rui Barbosa – CDA-CP 0801.

¹⁸⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 3 de março de 1954. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

modernismo brasileiro, e lendo a correspondência entre Drummond e meu avô, que mostra toda a afeição poética de Carlos com a poesia simbolista, fica claro para mim a influência do simbolismo nos sonetos de Drummond. Bandeira diria, sobre o velho Alphonsus, em seu *Apresentação da poesia brasileira*:

E o seu afastamento da rígida cadência parnasiana se trai, desde logo no ritmo mais solto dos decassílabos, eneassílabos e octassílabos; os alexandrinos não apresentam muitas vezes cesura mediana; nas rimas o poeta se satisfaz de vez em quando com a assonância.¹⁸¹

E é assim que meu avô analisa a consciência de artista do pai em um dos capítulos de *Alphonsus de Guimaraens em seu ambiente*.

Embora praticasses apreciavelmente o alexandrino, o decassílabo te era preferido, como disseste a um moço que se valia decerto de teus conselhos: “Há também alexandrinos modernos, postos em prática pelos ‘decadentes’, e que fui o primeiro a usar no Brasil. Os acentos são no quarto e oitavo, ex: Sob o tropel de um batalhão de pesadelos”. E indagavas por fim: ‘Por que não faz versos decassílabos? São mais fáceis e sonoros e mais próximos de nossa belíssima língua.’¹⁸²

Só assim seria possível para o poeta moderno, Drummond, escrever algo como *Oficina irritada*, publicado em 1951, em seu *Claro enigma*, no qual o poeta faz dançar o ritmo das dez bem compostas sílabas de cada verso do soneto.

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,

¹⁸¹ BANDEIRA; Manuel. Apud: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1995, p.306

¹⁸² GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1995, p.306 e 307.

claro enigma, se deixa surpreender.¹⁸³

Mesmo depois de publicadas as *Poesias Completas* de Alphonsus, Drummond continuou ajudando meu avô a coletar poemas dispersos e anotar variantes de versões publicadas em periódicos comparando com as variantes de versões publicadas em livro.

Drummond realizou um grande trabalho de pesquisa em revistas como a *Fon-Fon* e em jornais como *O Malho*. Em 1955, enviou a meu avô quatro poemas do velho Alphonsus encontrados na revista *Fon-Fon*. Em 1957, Drummond envia variante de um soneto de Alphonsus encontrado no periódico *Mundo Literário*, além do Soneto de há dez anos com assinatura de Guy d'Alvim. Em 25 de novembro de 1960, mais uma vez Drummond envia variantes de outro poema de Alphonsus. Desta vez Drummond compara o texto com a versão que saíra nas *Obras Completas* editadas por meu avô, pela editora Aguilar, no mesmo ano de 1960. Outras notas e variantes de diversos sonetos aparecerão ao longo das muitas cartas. Uma dessas, mostra muito claramente o cuidado de Drummond com a obra do poeta simbolista, mesmo quando os achados não eram de tanta relevância literária, mas de grande relevância bibliográfica.

Meu caro Alphonsus:

Aí vai mais alguma coisa recolhida de *A Vida de Minas* (não confundir com *Vida de Minas*, revista que a precedeu), para a bibliografia de seu pai. Não são achados importantes, mas em matéria bibliográfica até uma cabeça de alfinete vale... Separei as anotações em dois grupos: poesias que constam da edição Aguilar, e poesias não incluídas nela. Com estas últimas, algumas de autoria a estabelecer. Serão de Alphonsus os versos sob a assinatura de J. Gomes? Parece-me que sim, já pelo teor humorístico já pela aproximação com o pseudônimo Jovelino Gomes, que figura em Aguilar, 583 (aliás, nome de um contemporâneo do poeta, como você assinalou). L. Whisk e L. Whisky lembram Whisky (Aguilar, 559). Finalmente, há duas quadras sem assinatura, publicadas no mesmo número em que saíram várias outras de Guy, que me inclino a atribuir a Alphonsus, principalmente a segunda: “Miro a lua e não estanco...”. Tudo isso será examinado por você, que, melhor do que ninguém, julgará, decidindo o que vale a pena registrar dessas coisas. Também de Guy d'Alvim, em prosa, achei na mesma revista: Em 15.X.1915, Bode expiatório e O sr. Barbosa Lima; em 15.I.1916, Lupus et Agnus; em 1.II.1916, “Feiticeiros”; em 15.II.1916, “onde se prova que a troca de uma letra póde ocasionar uma sóva de marmelleiro”. [...].

Continue cobrando ao Aguilar e ao Afrânio Coutinho uma nova edição de *Obra Completa*. Não é admissível que o livro, praticamente esgotado, permaneça inédito aos leitores.

E feliz Natal, felizes festas para você, Hymirene e o povinho: votos meus e de Dolores. O abraço sempre saudoso do

Carlos.¹⁸⁴

¹⁸³ ANDRADE, Carlos Drummond. *Oficina irritada. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1982, p.261.

Nesta carta Drummond desvela seu profundo conhecimento da obra do velho poeta simbolista. Seu detalhamento e dedicação na busca de novos textos inéditos, e sua correta inclusão em futuras edições. A meticulosidade de Drummond citando em que edição figura ou falta o poema, anotando ponto a ponto suas variantes, mostra a intensa relação do poeta modernista com a poesia simbolista. Vale aqui lembrar que Drummond sempre esteve muito atento aos pseudônimos e aos textos humorísticos de Alphonsus de Guimaraens, publicando artigo, já mencionado aqui, sobre esta faceta da obra do poeta. Meu avô também se mostraria imensamente impressionado com o trabalho de pesquisa de Drummond e assim responderia no início de 1970 seguindo a pesquisa de detetive para tentar encontrar o autor destes versos assinados por pseudônimos.

Aqui encontro sua carta. Impressionante o seu trabalho de pesquisa. O que já não lhe deve, em interesse e ternura, a memória de papai! Muito e muito obrigado.

As assinaturas de J. Gomes nos versos publicados em *A Vida de Minas* me deixaram em dúvida, mas me inclino, não sei se com razão, a julgar que talvez eles não sejam do poeta. Para tanto, apoio-me no fato de Alphonsus ter assinado alguns versos como Jovelino Gomes, mas isto ao que eu saiba, apenas em *O Alfinete*, de Mariana. Era uma moda de pilheriar com os companheiros ou amigos humildes, que você acertou em cheio dizendo em crônica excelente, jamais escreveriam tais versos; daí nasceria o humorismo que se vislumbra até mesmo na circunstância, também apontado por você, de assinar o poeta versos sérios com nomes de pessoas incapazes de compô-los, especialmente Joaquim Araújo. A esta altura, fica difícil saber se esse J. Gomes seria o Jovelino Gomes, não é mesmo? O certo é que o poeta não utilizou nenhum dos nomes dos amigos de Mariana nos versos, humorísticos ou não, que publicou fora dali. A maior prova está em você ter encontrado também em *A vida de Minas* versos com a assinatura de Guy, pseudônimo da sua preferência. O diabo é que há o teor do humorismo, como você tão bem assinalou, nos versos assinados por J. Gomes, além da aproximação com Jovelino Gomes... Creio que o melhor é mencionar o achado em nota, lançando a suposição, sem afirmá-lo, de que os versos, ao que tudo faz crer, talvez sejam de Alphonsus. Que tal a solução?

A insistência para que as *Obras Completas*, que seis anos após o

¹⁸⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 14 de dezembro de 1969. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

lançamento já se encontravam praticamente esgotadas, voltassem a circular em nova edição, mostra a importância dada por Drummond à obra do Alphonsus simbolista. Vale dizer também que Carlos contou com o trabalho dedicado de meu avô na organização da obra do pai, sempre deixando para ele a última palavra sobre o que deveria ou não ser aproveitado. Meu avô sempre teve um grande papel de editor da obra do pai, tratando-a com carinho de filho e ao mesmo tempo com um enorme rigor literário, como atestou Drummond: “Você é o mais escrupuloso dos editores. Disso eu já sabia e vejo confirmado pela consulta que me faz em sua carta”¹⁸⁵. Além disso, Drummond registra em palavras sua grande admiração pelo simbolismo quando diz a meu avô não ser necessário agradecer a este trabalho de busca por textos perdidos do velho Alphonsus.

Você nada tem que agradecer, homem de Deus. A verdade é que eu sinto prazer toda vez que encontro alguma coisa do Poeta em minhas leituras de periódicos de outros tempos. E Alphonsus é das minhas mais antigas adorações. Coisa de mais de 50 anos... Isso fica dentro da gente.

Recomendações à patroa, e para você o abraço amigo do
Carlos¹⁸⁶

Muitas outras cartas como estas, com outras tantas anotações e achados de poemas, se seguiram até a morte de Drummond em 1987. Anos mais tarde meu avô aproveitaria muito esse dedicado trabalho na edição das poesias completas que sairia em 2001 pela editora Nova Aguilar.

Uma história, que meu avô sempre contava, relata a vez na qual ele encontrou, na Biblioteca Nacional, um dos mais belos sonetos do pai não publicado em livro até então. Segue o poema:

.....

XXIX

É uma lua de acompanhar –se enterros,
De ver caixões banhados de luz branca.
Caminham virgens nuas pelos cerros,
E o luar é um rio ideal que não se estanca.

Afunda-se entre as nuvens o minguante.
Na treva a terra sonha, o céu é mudo...
Ai pobre, ai pobre cavaleiro andante,
No céu perdeste o teu escudo!¹⁸⁷

¹⁸⁵ ANDRADRE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 01 de Abril de 1970. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

¹⁸⁶ ANDRADRE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 01 de Abril de 1970. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

Assim que achou o soneto meu avô telefonou para o Ministério da Educação para ler o texto para Drummond. Este pediu que meu avô aguardasse e rapidamente saiu do prédio do ministério, próximo à Biblioteca Nacional, e foi pessoalmente ver o soneto. Conta meu avô que Drummond disse, emocionado, que achar um poema inédito assim era como encontrar um diamante raro. São os ebúrneos diamantes do simbolismo, direto das montanhas de Minas.

Esse fascínio de Drummond pelo simbolismo não se restringia só a Alphonsus de Guimaraens. Em correspondência de 1976, Carlos enviou a meu avô, uma série de matérias sobre Mário Pederneiras, feitas por João do Rio. Enviou também uma transcrição de uma enorme carta de Pederneiras a João do Rio, na qual ele fala sobre o “novismo” e o parnasianismo.¹⁸⁸ Outro ponto emocionante dessa conversa modernista sobre o simbolismo foi o envio por Carlos do original, datilografado, do grande poema *A visita*¹⁸⁹ no qual descreve a visita de Mário de Andrade ao poeta simbolista.. Antes disso, ainda em 1970, Drummond agradece a aprovação de meu avô de seu artigo sobre Alphonsus de Guimaraes e expressa seu desejo de serem feitos artigos e estudos mais aprofundados sobre a obra do poeta.

Caro Alphonsus,

Fiquei satisfeito com sua aprovação afetuosa à minha crônica/poema sobre seu pai. Eu gostaria de ter feito, não versos impressionistas, mas um estudo sobre algum aspecto relevante do poeta, que continua reclamando exame mais aprofundado, tal a riqueza e tipicidade de sua obra. Os trabalhos de Mary L. Daniel e Anderson Braga Horta já são bons indícios de que a simples apologia vai cedendo lugar a análises documentadas, que mais valorizam Alphonsus. Andei relendo a obra e senti como seria interessante o levantamento do vocabulário dos poemas. O poeta era mestre em usar palavras raras, que iluminam estranhamente o verso.¹⁹⁰

A vontade de ver a obra do simbolista mais bem divulgada e estudada apareceria, em carta de 1984 quando Drummond, com uma boa dose de fina ironia

¹⁸⁷ GUIMARAENS; Alphonsus. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 2001, p.285

¹⁸⁸ Esta carta foi publicada no suplemento literário do *A Manhã*, de 22 de novembro de 1942. O jornal se encontra junto aos anexos desta dissertação.

¹⁸⁹ Este poema, ainda com anotações de Drummond e duas versões diferentes para o final está na íntegra nos anexos deste trabalho.

¹⁹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 03 de junho de 1970. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

mineira, envia cópia da carta de Priscila Freire. Na mesma correspondência também uma cópia de sua resposta à superintendente de museus do IEPHA de Belo Horizonte. Carlos agradece a ideia de ter seu nome colocado no centro de documentação e pesquisa literária que se pretendia instalar na Casa Museu Alphonsus de Guimaraens em Mariana, mas recusa a homenagem dizendo que esses “tributos de excepcional relevo” não devem atingir os vivos e que não se considera à altura de partilhar com a figura de Alphonsus Guimaraens um lugar em sua casa. Para Drummond a casa devia ser totalmente consagrada ao poeta “num programa de divulgação maior e de análise crítica de sua obra”.¹⁹¹

Por um momento Drummond, Alphonsus e Alphonsus Filho se encontram no mesmo espaço/tempo vivendo a literatura não como obra fechada na página, mas como um trilho de reconstruções por onde trafegam muitos e muitos textos. Drummond faleceu em 17 de agosto de 1987. Sua última carta a meu avô, datada de 28 de fevereiro do mesmo ano, exatamente sobre a inauguração do Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens, que ele nunca conheceu, tem um tom, ainda que não intencional, de despedida, o poeta faleceu em 17 de agosto de 1987.

À distinta família Alphonsus de Guimaraens, agradeço, penhorado, o amável convite para assistir à inauguração do Museu do inolvidável poeta. Bem que gostava de estar presente à cerimônia, pelo muito que minha vida espiritual está ligada à poesia de Alphonsus. Infelizmente, um tratamento cardíaco rigoroso me impede de viajar. Mesmo de longe, porém, estarei atento a esse ato de justiça à memória de nosso maior simbolista. Com o maior carinho, Carlos Drummond de Andrade.¹⁹²

Neste entrelaçar de tempos históricos e literários, de dimensões e encontros para além do universo físico, é aqui que entro fisicamente. Nessa época comecei a palmilhar, como meu avô e meu bisavô já haviam feito, as estradas de Minas, pedregosas. Em 1987 participei, ainda que pouco entendendo o que aquilo significava, da inauguração do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens em Mariana. Numa foto preto e branco, em frente a casa antiga, eu, ao lado de meu primo, e também poeta, Augusto de Guimaraens Cavalcanti, começávamos a caminhar, inconscientemente, pelas inventividades criativas da estrada da poesia.

¹⁹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 04 de maio de 1984. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.

¹⁹² ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Alphonsus de Guimaraens Filho, em 28 de fevereiro de 1987. Arquivo pessoal de Alphonsus de Guimaraens Filho.